



MATERNIDADE SOLO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO VERSUS ALAGOAS 2016

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

LACERDA; Laura Holanda ¹

RESUMO

O projeto de Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS) organizado em conjunto com a Rede Unida e Fiocruz, com financiamento do Ministério da Saúde, atua desde 2002, mas somente em 2012 se fortalece em constância na realização por diversos lugares do território nacional.

Com o intuito de proporcionar aos estudantes da área da saúde, e cursos relacionados, vivências em serviços de saúde pública como: CAPS, UBS, Hospitais. Em sentido de promover noções de gestão e interação desses espaços. Uma imersão, com momentos pedagógicos de estudos em grupo, críticas e rodas de conversa relacionadas às visitas. O VERSUS se divide por estados, tendo uma comissão organizadora de cada vivência. Seleccionada a partir de inscrições, cada comissão (estudantes que já foram viventes) quando aprovada precisará promover para um determinado grupo de estudantes, que também passam por processo seletivo como vivente, todo um cronograma de organização entre visitas, estudos e momentos pedagógicos diversos.

No período de 10 a 21 de dezembro de 2016, na cidade de Maceió, no estado de Alagoas, fomos selecionados para vivenciar esta edição. O uso do plural se dá à necessidade de evidenciar este lugar coletivo de ocupação do espaço: Minha vaga garantiria, depois de uma avaliação da comissão, a presença do meu filho com seus enérgicos 2 anos de idade, ainda em aleitamento, me acompanhando enquanto vivente. Uma situação inédita, que desafiou a comissão organizadora, esses que são jovens e estudantes, a organização já programada, na tentativa de estruturar um ambiente equitativo, minimamente confortável e de aproveitamento de todos.

Desde 2015, com o nascimento de Joaquim, meu primogênito, existo como mãe e resisto como universitária, sendo esse também meu ano de ingresso no curso de Psicologia. Um caminho traçado ainda na gestação leva nossa família (composta, nesse momento, por dois integrantes) para a monoparentalidade, já que assumo a responsabilidade exclusiva dos cuidados de Joaquim. Assim associando ao termo: Maternidade Solo, como conceituação de uma unidade familiar, em que o papel social de responsável é somente atribuído à figura feminina, assumindo representações do paterno e materno. Sendo essa uma “modalidade” monoparental. Me vi nesse lugar em plenos 20 anos de idade. Considerando assim um recorte específico: mãe solo, jovem e acadêmica.

Elisabeth Badinter, em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* demonstra, trazendo a historicidade do que seria “amor materno”, como esse não é biológico, inerente ao gênero. E por via de questões socioeconômicas foi colocado para mulheres uma centralidade no cuidado das futuras gerações. Mas sendo ainda parte de um “imaginário social”, por séculos de patriarcado alavancado o pensamento de que mulheres são cuidadoras, e só a elas cabe a responsabilidade deste lugar. Em meios institucionais o *modus operandi* ainda viabiliza uma carga horária

¹ ESUDA, lauraholandalacerda95@gmail.com

semelhante a de quem não assume o compromisso de cuidar de outro ser. Além da questão temporal há a forma de controle dos movimentos e corporeidade, padronizações necessárias ao bom funcionamento da ordem.

Define-se uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder. (Foucault, 1987, pág 162){1}

Assim, espaços institucionais como a universidade, via normas e regras, em geral dificultam potencialidades diversas, por exigências de controle corporal. Sejam pessoas deficientes, mães com crianças, gestantes e idosos, que estruturalmente encontram desde um espaço muito grande, falta de banheiro com acessibilidade, ou sem trocador, sem espaços que permitam acomodação viável desses corpos, que estão performando novos hábitos, dentro desses e tantos outros lugares.

Quando se fala em controlar é necessário compreender, como uma força natural incontrolável o ser criança. Em geral estão aprendendo a lidar com comandos e têm dificuldades em espaços de rigor corporal. Analisando essa passagem foucaultiana com referência, às minhas demandas de levar um bebê para salas de aulas, enquanto acadêmica, me gerando cargas de atenção ainda maior sob a distrabilidade, minha e de meus colegas, já que, fazia de tudo para não ter ruídos e atrapalhar o bem-estar da turma. A exaustão ficou ainda maior e lidar com isso sozinha sempre foi uma das maiores dificuldades. Ao saber da aprovação no Projeto me deparei com a necessidade de enfrentar 11 dias, com minha criança, dormindo, nos alimentando, e convivendo com mais outros estudantes, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Em dormitórios(salas de aula), com direito à colchão inflável, ou colchonete, cada um que desse sua forma de adaptação para aqueles dias.

O medo e receio me fizeram pensar em desistir sem nem mesmo tentar. Assim como conhecidos e familiares julgaram “loucura”, simplesmente por ser diferente, novo e em um espaço que “não é de criança”. Mas com uma fortalecida da comissão organizadora em sentido de propor todo e qualquer apoio necessário, constatando minha importância de não ser excluída, em um momento de compartilhamento de informações tão único. No primeiro dia, os demais integrantes da vivência ao perceberem um menino(Joaquim) curioso, atento e interagindo com aquele lugar, e refletiam nas expressões faciais, diversas reações relacionadas à surpresa e estranhamento. Mas envoltos em um clima de entusiasmo, me foram captados muitos olhares de empatia, afinidade e admiração, propondo assim um sentido de vinculação minha, naquela comunidade de discentes vindos de lugares diferentes do Norte, Nordeste, também com companheiros(as) do Sul.

A pedagogia afetiva, de Paulo Freire, foi utilizada para nossos momentos de discussão, esses que incluíam, inicialmente, grupos de leituras, em sequência, rodas de debate, algumas com participação de alguém especializado na temática trabalhada. Assim os eixos articulados na vivência foram diversos, como: reforma agrária, racismo, homofobia, sobre práticas educacionais de universidades, e a falta de estudo crítico e reflexivo sobre as reais demandas sociais. Estudar saúde do campo, entender como a resistência indígena é de necessária participação do SUS. As diversas formas de atuação do profissional de saúde. Nessa troca afetiva tínhamos também propostas de momentos com dinâmicas de acolhimento, e, escuta de todos viventes. Nesses momentos a comissão ficava com Joaquim para que eu participasse desses instantes, que eram lúdicos, catárticos, reflexivos e introspectivos. A encenação que tivemos sobre violência aos corpos femininos foi de profundo entendimento, de minha parte, e de muitas companheiras. Uma dramatização de uma realidade tão crua.

Para os dias das visitas fiz um esquema de organização, e, mobilização com familiares, no intuito de dinamizar e equilibrar as cargas, destes que incluíam: primos, avô, avó, tias e até amigos. Cada dia de visita, um familiar diferente ficaria. Mas todos os dias Joaquim dormia na UFAL. Como ainda estávamos na fase da lactação, eram noites conturbadas, envoltas de choro, peito, leite e, ainda, dividindo o quarto com cerca de 10 pessoas. E como acordamos cedo todas as manhãs, tínhamos

feito grupos de escala intercalada, com o intuito de despertar todos cantando. Mas passamos a modificar a estrutura sonora, já que na hora que Joaquim ainda dormia, condizia com a hora de despertar e os jovens precisavam se adequar com maneiras mais silenciosas de despertar. Entre tantos momentos cotidianos que usufruímos de tanta sabedoria(prática e teórica), com essa convivência, e introdução de novos meios relacionais entre estudantes.No último dia da vivência fizemos trocas de cartas, poesias, e contatos para encontros futuros, já que foi de muita mutualidade o carinho entre todos, tantos dias, que rapidamente, quase passaram sem que conseguimos efetivar todos os comandos de obtenção do conhecimento que estávamos ali buscando. Um aprendizado para todos, em sentido amplo, de se responsabilizar por um ser humano em desenvolvimento inicial. E para mim, permitir que outras pessoas sem vínculo sanguíneo assumissem cuidados, afetos e compromissos com aquela criança. Possibilitando uma diminuição da sobrecarga, tornando minha experiência proveitosa e satisfatória. O desejo deste coletivo(VERSUS 2016 ALAGOAS) permanece para além de uma alteração em grades curriculares, reparos sobre estruturas acadêmicas em sentido critico-pratico-reflexivo.

{1} **FOUCAULT, M. . Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

PALAVRAS-CHAVE: Estudante, Maternidade, Estagio, SUS